

escola pragmática (pense-se na escola de Lentzen-Deis).

Eis alguns dos muitos momentos altos da nossa leitura. O episódio da hemorragia que «tocara» em Jesus (5,30-34) revela que os discípulos «não entendem que há uma forma de tocar que é inevitável, devido ao ajuntamento de gente, e outra forma de tocar que provém da fé; há um tocar que se esgota na proximidade física e um tocar que é comunhão e experiência de vida nova. Este último tocar é o único que salva» (114). Em 3,6 tudo indica que os adversários são fariseus, «os observadores meticulosos do descanso sabático, mas não do sábado» que é «gozo e memória do Deus que liberta» (61). Ao pronunciar-se sobre o que é puro e impuro (7,14-16), Jesus revela que a impureza mais nociva é a que se contrai «quando o homem se decide, livremente, pelo mal, e quando se erige, voluntariamente, contra Deus. É esta a impureza a eliminar, e eliminá-la, desde que Jesus veio, significa acolher a Sua Palavra: “Convertei-vos! Acreditai no Evangelho! Acolhei o Reino de Deus!» (146). Nem deveria passar despercebida a perspicácia com que são resolvidas certas *cruces interpretum*: como a da interpretação de 3,29, onde afiança que «blasfemar contra o Espírito Santo» é «manifestação de uma rejeição absoluta da percepção de que Deus actua na história», 78); ou como quando assevera que a chocante frase do Senhor em 4,12 «não aconteça que se convertam e sejam perdoados» alude a gente cuja «cegueira e falta de inteligência é total e intencional» (89).

Dada a notável solidez argumentativa e a profundidade analítica num comentário bíblico integralmente «amigo» do seu leitor, até pelas suas dimensões (são raros os comentários de Marcos na casa das 300 p.), não nos vamos delongar em considerações sobre os seus limites. Cumpre assinalar,

em todo o caso, o ponto que achamos mais débil: a ausência de uma justificação, ainda que breve, para a delimitação das unidades em que se articula a composição do texto. Exemplo desta lacuna é, logo no início, a escusada atomização em quatro unidades (1,1; 1,2-11; 1,12-13; 1,14-15) de uma unidade coesa como é Mc 1,1-15, onde mais que «uma panorâmica sobre Jesus» (p. 13), lemos sobretudo uma panorâmica sobre *João e Jesus* prenhe de ressonâncias histórico-salvíficas, com implicações programáticas para o resto do Evangelho. Esta ou qualquer outra crítica que poderíamos mover ao comentário de Mario Galizzi seria insusceptível, no entanto, de abalar a certeza de que o A. salesiano doou à comunidade cristã uma obra de vulto onde prevalecem os registos suaves e desafiantes da voz do Espírito. O nosso desejo irreprimível de vê-la vertida também em língua portuguesa será, provavelmente, a sua melhor recomendação.

ISAÍAS HIPÓLITO

GARCÍA-MORENO, Antonio, *La Neovulgata. Precedentes y actualidad*, 2ª edición, «Colección Teológica» 47, Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 2011, 472 p., 240 x 155, ISBN 978-84-313-2771-2.

Este livro apresenta um largo estudo sobre o texto oficial da tradução latina da Bíblia recomendada pelo Concílio Vaticano II para substituir, melhorando a qualidade da tradução, aquela que foi realizada por S. Jerónimo e utilizada pela Igreja durante cerca de quinze séculos como versão referencial, a chamada Vulgata. A nova tradução que, por referência a esta, é conhecida como Neovulgata, tem assim precedentes históricos de vária índole. São estes precedentes

que ocupam a maior parte das páginas do presente estudo.

García-Moreno começa por apresentar detalhadamente a figura e a obra de S. Jerónimo. Apresenta-o, em seguida, como tradutor paradigmático da Sagrada Escritura. Um terceiro capítulo é dedicado à difusão inicial da Vulgata. O capítulo IV estuda a crise por que passou a tradução de S. Jerónimo antes e por ocasião do Concílio de Trento: abusos, surgimento de traduções vernáculas, disposições do Concílio (decreto *Insuper*), ressurgimento dos estudos bíblicos. Segue-se um capítulo dedicado à tradução da Bíblia no Concílio Vaticano II, com particular atenção aos nn. 22 e 25 da *Dei Verbum* e ao n.º 23 da *Sacrosanctum Concilium*. O capítulo VI dá-nos conta da normativa pós-conciliar, com comentários à alocução de Paulo VI aos tradutores e à Instrução *De interpretatione textus liturgicorum*. No último capítulo, García-Moreno apresenta a situação actual, precisamente a da vigência da Neovulgata: novas perspectivas, preparação, considerações especiais sobre o novo saltério, fontes utilizadas, questões metodológicas e edição típica.

Em apêndice, a edição oferece o texto integral da Exortação Pós-Sinodal *Verbum Domini*. Edição enriquecida também com um índice onomástico e outro de citações bíblicas.

LUÍS SALGADO

PUIG I TÀRRECH, Armand (a cura de), **Bíblia i Mística**, col. «Scripta Biblica» 11, Associació Bíblica de Catalunya – Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2011, 242 p., 235 x 135, ISBN 978-84-9883-366-9.

O presente volume, no interior da colecção «Scripta Bíblica», apresenta um conjunto de estudos sobre a experiência

mística do homem bíblico, dando por suposto e fundamentado que, nas experiências místicas narradas na Bíblia e no conceito que daí decorre, se trata sempre, não de uma mística de fusão, que pressuporia uma ideia panteísta de Deus e do mundo e uma limitação ou mesmo negação do carácter pessoal de Deus e do homem, mas de uma mística de comunhão, pressupondo aquele carácter e, por detrás dele, a ideia do homem e do mundo como frutos de uma verdadeira criação de Deus.

Sobre este pano de fundo se movem os diversos estudos que no livro se apresentam. F.-X. Marín i Torné faz um estudo preliminar sobre o silêncio eloquente da mística, procurando uma aproximação a partir da fenomenologia psicológica, com particular atenção a Freud e a Romain Rolland. Teresa Solà, com pormenorizada fundamentação exegética, versa o tema da comunhão e solidão na oração de Jeremias. Francesc Ramis Darder apresenta um estudo sobre Ez 1,1-3, tentando uma síntese da experiência mística do profeta. Joan Ferrer ensaia uma aproximação à mística dos salmos do Reino de Deus. Andreu Grau estuda as ascensões na literatura intertestamentária (*Testamento de Moisés* e *Testamento de Abraão*). Armand Puig i Tàrrrech procura uma resposta adequada para a questão: Jesus era um místico? Detém-se sobre a humanidade de Jesus, os seus momentos de provação, o seu ser homem sem pecado, a sua oferta de perdão, o seu falar e actuar a partir de Deus e os fenómenos extraordinários que foram as duas visões (dos céus abertos e de Satanás em queda) e uma transfiguração (no monte Tabor). Agustí Borrell estuda a mística paulina. Jordi Cervera i Valls, por sua vez, procede a uma leitura hermenêutica do véu celestial na Carta aos Hebreus em confronto com a mística judaica (da Hekhalot). Entre outras pesquisas, analisa com minúcia e